



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 32 - junho 2017, CARLOS FARIA

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

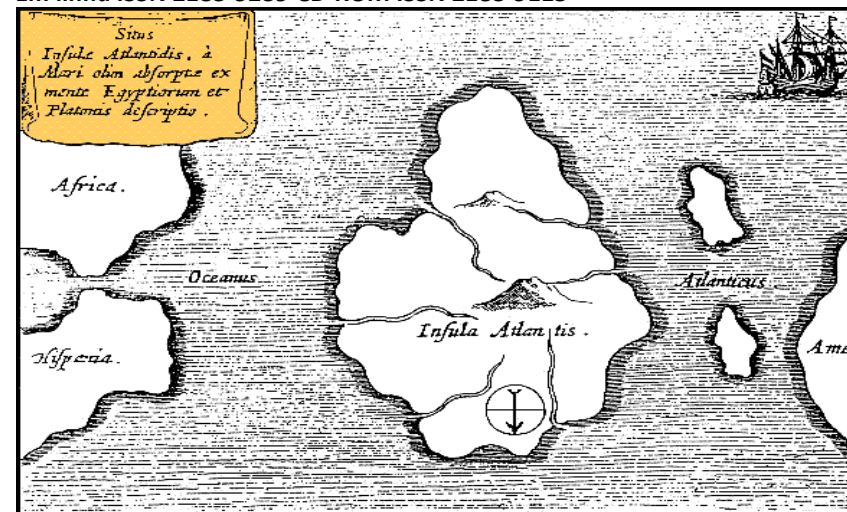
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Este suplemento # 32 da autoria de Eduardo Bettencourt Pinto é dedicado a Carlos Faria

1. EDUARDO BETTENCOURT PINTO, ESCRITOR, CANADÁ 16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, SANTA MARIA 2011

TEMA 1.2, CARLOS FARIA: UM TROVADOR DE AFETOS,

Carlos Faria, natural da Golegã, Ribatejo, chegou aos Açores já com o título de campeão nacional de halterofilismo. A sua pujança física, porém, escondia um coração sensível e uma hombridade cuja grandeza se revelava amiúde em ações solidárias para com o próximo, fruto de uma empatia genuína e abrangente. Foi um homem do seu tempo, atento e preocupado com os paradoxos e os cânones históricos do seu país e do Mundo.

Na sua pasta de Delegado de Propaganda Médica cujo périplo incluía algumas ilhas açorianas, não levava apenas prospetos inerentes à sua profissão. Carlos Faria era um homem de palavras iluminadas, de pequenos relâmpagos de tinta que compunha num caderno a cheirar a remédios e alegria. À falta deste, até um guardanapo de restaurante servia para escrever os seus poemas. Grande parte deles era sobre a ilha que ele considerava a maior, pela sua inigualável magia e beleza: S. Jorge.

Neste trabalho trataremos da sua relação com os Açores, num enfoque que abrange artistas plásticos, escritores e poetas, dos quais foi amigo e promotor apaixonado e relevante.

1. O PRIMEIRO CONTACTO

Subi as escadas do Jornal *Correio dos Açores*, em Ponta Delgada, numa tarde letárgica, pesada e húmida. Nunca tinha estado ali. Era evidente o meu desconforto: sentia as pernas entorpecidas, e assaltava-me a amarga sensação de que me aproximava do inevitável crepúsculo das coisas inesperadas. Esse, parece-me, foi sempre o sentimento de dúvida daqueles que se afoitam, inseguros e trémulos, às implacáveis instâncias do imprevisto. Essa penosa caminhada, entre mistério e sombras, tinha a ver com o rasgo lírico de uma alma assustada com o poder da poesia.

O poema que eu levava no bolso, como se fosse uma estrela-do-mar, deixara-me cativo da sua ressonância. Precisava de livrar-me dele, autonomizá-lo como a uma criança a quem se ensina os primeiros passos.

Um jovem (como era eu nessa altura), enfrenta sempre uma horda de fantasmas no momento em que se atira, de corpo e alma, ao incógnito. E aquelas palavras que levava comigo eram, naquele momento de incerteza, o meu espelho mais íntimo daqueles dias na ilha.

Nessa altura o suplemento literário **Basalto** era coordenado por Laurindo Cabral e Carlos Faria. O primeiro, com longas barbas à Antero de Quental e óculos de lentes grossas, exercia as funções de jornalista; o segundo, poeta, ia regularmente aos Açores como Delegado de Propaganda Médica. Novato na arte da escrita, eu tropeçava no fulgor das palavras, rascunhadas com paixão sob a chuva da claraboia da casa da minha avó Irene.

Estava em Ponta Delgada há pouco tempo, vindo do êxodo angolano e de uma passagem episódica pelo Zimbabué. Foi uma altura da minha vida seguramente amarga: perdera o sentido de África e a mais elementar fé nos homens. Esse era um sentimento de naufrago, um epítome de toda a minha experiência como ser humano. Lia com avidez os grandes mestres da poesia grega e italiana, os versos sanguíneos de Neruda, os rasgos cerebrais e o génio de Pessoa, a Granada soalheira e cantante de Lorca, o mundo.

A poesia era a minha harpa de agitações. Escrevia então com ardor coisas que me atravessavam os pulsos nas longas noites da ilha sob a eterna humidade do seu clima, que deslizava pelo meu corpo com a placidez e a perseverança de um molusco. Era tudo isso o que eu levava para o suplemento literário do jornal: a casa em ruínas do meu coração.

Carlos Faria era um homem possante e seguro. O seu aparato físico impressionava e infundia respeito. Essa primeira impressão, porém, nada tinha a ver com a afabilidade do seu carácter e a cativante fluidez do seu carisma. Foi exatamente isso o aconteceu comigo nesse longínquo e primeiro encontro na Redação do jornal *Correio dos Açores*.

Ficaria inevitavelmente amigo de ambos, ou seja, de Laurindo Cabral e de Carlos Faria. Anos mais tarde iniciaria com o primeiro, e nesse mesmo jornal, o suplemento literário *Seixo*.

2. CARLOS FARIA E OS AÇORES

A poesia, no caso de Carlos Faria, não era uma forma lúdica de expressão social para impressionar, mas uma exalação da vida, soberana, com a qual disseminava a nobreza dos sentimentos, o amor e a ternura pelas pessoas e pelos lugares. Socorria-se dela em qualquer momento e lugar.

Senhor de uma memória prodigiosa, não só recitava os seus versos como os de outros autores. Era um exímio declamador de Federico García Lorca, por exemplo. Ditos com paixão e mestria, os versos de Lorca ganhavam uma fulguração quase onírica.

CF era um mágico das palavras, daquelas que eram música e pareciam dançar na sua voz como insubmissas dançarinas de luz. Se na altura em que o conheci eu me encontrava ainda na fase de descoberta dos Açores, e a dar os primeiros passos no mundo literário, Carlos Faria era já um poeta conhecido.

De facto já tinha livros publicados. Entre outros: «Distância Azul» (1957), «Marinheiro Bêbado» (1959), «Rosto e Diálogo» (1966), «S. Jorge (Ciclo da Esmeralda)» (1979; 2ª. ed. 1992) e era já, digamos, uma figura cultural respeitada nos Açores e nos meios intelectuais açorianos do Continente.

A par da Literatura, CF foi muito ativo nas artes plásticas como promotor de exposições de pintura. Juntamente com o pintor Rogério Silva, de quem era amigo, envolveu-se em inúmeras atividades no âmbito da Galeria Açoriana de Arte **Gávea**. Sob os auspícios da mesma vieram inclusivamente a publicar livros de poesia de Ivone Chinita, Rui Duarte Rodrigues, J.H. Santos Barros e Vitorino Nemésio, ensaios do poeta Emanuel

Félix, teatro de Norberto Ávila, e em cuja coleção editorial **Gávea - Glacial** faziam parte, além de Carlos Faria e Rogério Silva, João Carlos e Costa Brites.

Esteve igualmente envolvido em suplementos culturais como, por exemplo, «Glacial» do Jornal A União de Angra do Heroísmo, e de «Basalto» do Jornal *Correio dos Açores* de Ponta Delgada.

Nas suas múltiplas viagens aos Açores, além da sua participação em atividades de índole literária e nas artes plásticas, foi um cultor de amizades. Do seu vasto número de amigos contavam-se, entre outros, o escultor Canto da Maia, Tomás Borba Vieira, Santos Barros, Urbano Bettencourt, Ivone Chinita, Álamo Oliveira, Onésimo Teotónio Almeida, Dias de Melo, Armando Côrtes-Rodrigues, Natália Correia, Vitorino Nemésio.

O que desde logo sobressaiu em CF, desde o início da nossa amizade, foi a sua evidente empatia para com os mais desfavorecidos socialmente, a sua ternura e respeito pelos idosos e as crianças, pelos que trabalhavam a terra duramente, ou aqueles que tiravam das águas do mar o seu ganha-pão.

Numa das minhas pesquisas na Internet¹ dei com esta mensagem, retirada de uma carta que CF escreveu a um amigo, Luiz Pacheco, e que retrata esse aspeto da sua personalidade:

«Só me considero responsável pelo que disser em poema... Assim responsabilizo-me pelo lirismo, pela liberdade intocável da criação poética, sem rótulos ou obrigações. Não creio em humanismos literários. O chamado neorrealismo sempre me cheirou a fadinho intelectualizado.

Quem tiver que gritar a verdade, abra a janela e grite o que tiver para dizer. QUEM amar o próximo, ame mas não faça arte velada. Estou farto de humanistas literários que nem um copo de água dão a outro homem. Tira para fora da literatura Portuguesa a poesia lírico-romântica-saudosista e vê o que te resta... E não me leves

¹ www.facebook.com/CarlosFaria

o Cesário Verde em nome do realismo como certos ingênuos detratores da arte querem fazer em nome da cegueira demagógica...»

A poesia, nesta aceção e naquela que transparecia na sua postura social, não era configurada segundo o figurino do literato, intelectualizado até às unhas, mas sem um vínculo humano, sanguíneo.

S. Jorge (Ciclo da Esmeralda), o último livro que CF publicou revela-nos um espírito em divagação lírica e apaixonada por uma ilha: S. Jorge. Aquele espaço físico representa sobretudo a dimensão mitológica de um mundo inicial, cuja simbologia agracia a ideia de um génesis, puro ainda, livre das influências corruptoras de séculos civilizacionais.

Com efeito, João, sujeito a que alude em seis composições poéticas, surge como um subentendimento do Adão, homem simples, pescador, pastor e agricultor «que não quer trabalhar mais para não morrer rico!²» O desprendimento relativamente às coisas materiais não é uma opção social mas o resultado de uma filosofia de vida. Esta, influenciada pelos mecanismos telúricos que inebriam a alma, proporcionam-lhe uma elevada grandeza de espírito, assente na comunhão direta e íntima com os elementos circundantes.

A terra, o mar, o céu e as estações são como membros intrínsecos da formação do indivíduo, como uma raiz ou uma divindade que une o ser ao seu mundo, o da ilha. Tempo e espaço não constituem, no dizer do poeta, um obstáculo à sua plenitude porque «na ilha/o tempo é uma longa música/de espera/que os camponeses repartem entre/o tempo da pesca e do milho.³»

No poema intitulado *A Passagem do Tempo nas Horas* redescobrimos a epistemologia existencial do poeta, transfigurando-se à medida que a sensibilidade vai monopolizando as metáforas. São elas os ponteiros do relógio que qualificam, numa asserção, diríamos, expansível, as fronteiras semânticas de um Éden intocável e em permanente viagem emocional:

Na ilha o tempo que passa não tem que ver com o tempo: é longo e acontece como espaço geográfico, cor, luz, distância...

A manhã, ou a noite, contam como dias fora do calendário e o homem vive por dentro tudo o que do exterior resolve ou complica a sua existência...

Tudo aqui é uma ilha: gente, natureza, a própria ilha e o mar.

O mar é dentro da ilha já que ele vem até à sua ilha e lhe dá o seu tamanho de ilusórios limites: prova-os as marés altas ou baixas! ...

O tempo é uma distância medida pelos olhos, pelos ouvidos, pela memória, pelo ritmo de caminhar. Não há máquinas ainda para medir o tempo!

Quando o João diz: «Agora», quer dizer «Aqui»: é lugar e não tempo.

Passado, Presente, Futuro: A ilha em Viagem, viajar sem viajar!

No poema *Mapa-mundo*, o poeta infere sobre a questão do espaço, resolvendo-o igualmente de uma forma lírica e metafórica:

Aprendo, nas ilhas pequenas, que o mundo é exatamente do seu tamanho: sem filosofia nem cálculos matemáticos.

Golegã ou Nova Iorque?

São Jorge ou Madrid?

Espaço onde caiba um homem, e a sua geografia será história...

A ilha é pequena?

A ilha é pequena, sim? E depois?

O espaço que falta a uma ilha, seria se houvesse mais espaço, o espaço que sobejaria!

A sua visão minimalista do Mundo relativiza tudo. As referências geográficas, climatéricas e humanas são parte de um cosmos poético cuja visão de vida e das coisas posicionam-nas numa outra realidade. O olhar da sensibilidade é a única geografia da ilha, residindo aí toda a sua grandeza. Quero dizer: quanto mais elevada e intensa a ternura, mais extensa se torna a ilha. O mundo natural, cujas tonalidades ganham variadas

² Carlos Faria, *S. Jorge (Ciclo da Esmeralda)*, p. 16.

³ Carlos Faria, *S. Jorge (Ciclo da Esmeralda)*, p. 26.

transfigurações mercê das metamorfoses climatéricas, ou das que resultam dos feitos da luz natural dão ao poeta, qual pintor atento, múltiplas visões de cor. Vejamos alguns exemplos:

«*Ilha de cabelos verdes e corpo alto/por todo o horizonte*»,
 «*Rio de pedra: verde a sua água*»,
 «*A tarde foi caindo com a beleza cinzenta que o céu açoriano tem, quando as nuvens vão descendo dos picos às fajãs e a luz passa a vir do mar, azulada e húmida...*»,
 «*O verde das pastagens — a tal pele de esmeralda!*»,
 «*O céu azul claro, claro fino, como lâmina fria de navalha, a descer ao fim do horizonte, para lá do Faial*»,
 «*E o verde é aço vegetal/negro e forte!*»,
 «*Esmeralda, o ar da manhã...*»,
 «*O basalto é azul até onde o mar chega...*»,
 «*A bruma é um dia em flor...*»,
 «*Uma garça saiu, branca, agora do cinzento e corre sem fronteiras para os nossos olhos.*»

No essencial, **S. Jorge (Ciclo da Esmeralda)**⁴ de CF, além de um sentido tributo à ilha de S. Jorge, é um ato de amor. No entanto, o poeta crê-se apenas como um repórter de uma realidade observada, sonogando o sentir. O objeto cantado é o sujeito do seu lirismo, como testifica nos últimos versos do seu poema **S. Jorge, Costa Norte...**:

João acena-me com os braços erguidos, chama-me com os seus gestos de pescador e camponês: gestos que trazem raízes e ondas, a bondade universal da ilha e do mundo!

Não é o que sinto e canto que faz o Poema! O poema é a ilha e a sua gente, o resto do que digo não passa dumã manhã de esmeralda com um homem dizendo «bom dia» nos gestos de trabalhar!

A musicalidade deste livro reside essencialmente na sua euforia poética. É uma quase obstinada perseguição pelo absoluto, um «sentir» onírico que resulta numa outra realidade, a das imagens e dos sons genesíacos e imaculados. O autor cria os seus próprios paradigmas, como se todas as experiências e afinidades sociais e telúricas com a ilha de S. Jorge fossem o resultado de um elevado sincretismo poético, de uma apologia iluminada pela mais fascinada beatitude, num dizer exuberante da alma e dos sentidos.

3. CONCLUSÃO

Estive com o poeta pela última vez em 1998, em S. Jorge, no decurso do **Encontro de Escritores Açorianos** e durante o qual CF foi homenageado. Não obstante caminhar com o apoio de uma bengala, e de o seu corpo de atleta apresentar já os vestígios e o lampejo da idade, mantinha, incólumes, o seu espírito jovial e a candura de sempre.

Carlos Faria não era apenas um poeta de palavras. Era um bardo das águas, irreverente, único, solidário e intemporal nos seus afetos, leal, e em cuja humildade restolhava o vórtice do seu carácter como homem e artista. Conosco ficará para sempre a sua visão do mundo e da vida, subjacente a uma poética dos sentidos e da relação idílica entre o homem, o seu espaço e a sua ancestralidade.

Carlos Faria cantou a ilha com o esplendor da ternura, escolhendo as palavras mais sensíveis. Foi com elas que navegou pelas estações mais íntimas, beijando com reverência os inolvidáveis e luminosos dias da ilha.

⁴ S. Jorge (Ciclo da Esmeralda), com uma reedição em 1992, seria o último livro publicado por CF.



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 32 - junho 2017

CARLOS FARIA

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

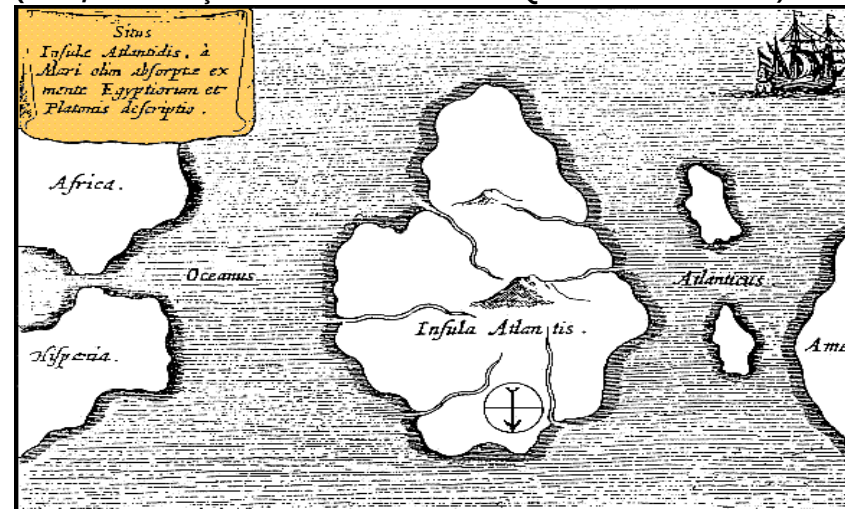
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Este suplemento # 32 da autoria de Eduardo Bettencourt Pinto é dedicado a Carlos Faria